



## É IMPERIOSO RESISTIR À OFENSIVA DO CAPITALISMO NEOLIBERAL

A classe trabalhadora defronta-se hoje, em quase todo o mundo, com uma ofensiva capitalista provavelmente sem paralelo na história. Ao crescimento da taxa de desemprego somam-se as políticas de redução de salários, corte e flexibilização dos direitos, desmantelamento do chamado Estado de Bem Estar Social e privatizações indiscriminadas, inclusive da água e dos serviços públicos.

Enquanto na Europa os países submetidos aos “memorandos” da troika amargam a recessão e seu arsenal de misérias - como o desemprego, o arrocho dos salários e o desmanche das políticas públicas - no Brasil um forte lobby capitalista, respaldado pelo presidente da Câmara Federal, Eduardo Cunha, quer nos impor a terceirização generalizada.

Em sintonia com este movimento, tomou forma em nosso país ao longo deste ano uma forte onda conservadora, na qual surfa o neofascismo, que acena com o retrocesso neoliberal e ameaça a democracia, a soberania nacional e os direitos sociais. O crescimento da extrema direita, por sinal, tornou-se um fenômeno global.

É importante salientar e perceber que o pano de fundo desses acontecimentos é a crise mundial do capitalismo. Uma crise que é ao mesmo tempo econômica e geopolítica, resultando esta última do esgotamento da ordem internacional hegemônica pelos EUA e da ascensão, em contrapartida, da China.

Sabemos que a crise é obra do próprio capitalismo e da ordem imperialista que dele emana, é a explosão de suas contradições e excessos, dando também provas dos limites históricos deste sistema. Mas, no afã de maximizar os lucros, os grandes capitalistas tratam de jogar os custos das intempéries econômicas sobre as costas da classe trabalhadora, o que fazem através de governos submissos aos interesses do capital financeiro e

insensíveis aos sofrimentos do povo, cujas políticas apontam para o retrocesso nas relações sociais entre capitalistas e trabalhadores às condições prevaletentes nos séculos 18 e 19 na Europa ou início do século 20 no Brasil.

A mídia capitalista e os numerosos porta-vozes do capital financeiro pretendem impor como único o pensamento dominante de que a crise impõe naturalmente sacrifícios aos assalariados e não existem alternativas à austeridade e ao neoliberalismo. Isto não é verdade, ou melhor esta é a verdade dos banqueiros, dos rentistas, das transnacionais, é expressão ideológica dos interesses hegemônicos no capitalismo.

A classe trabalhadora e seus representantes não podem concordar com isto. Alternativas existem e devemos buscá-las e concretizá-las na luta de classes. É imperioso resistir, conscientizar a classe trabalhadora, combatendo a despolitização e a falsa consciência disseminada pelos grandes meios de comunicação, e mobilizá-la para a luta contra a precarização e o desemprego, em defesa da democracia dos direitos sociais, igualdade de oportunidade e trabalho devidamente formalizado.

Mas estou também convencido de que devemos ir além disto, procurando nesta luta em defesa dos direitos contra a ofensiva capitalista criar as condições para uma contraofensiva visando a consecução de projetos nacionais soberanos fundados na valorização do trabalho e na democracia, de forma a abrir caminho na direção da derrocada e superação do sistema capitalista, que de novo deriva para o fascismo e a guerra, e construção de uma nova sociedade, socialista, em que a dignidade e a valorização da classe trabalhadora se estabeleçam como objetivos prioritários do desenvolvimento econômico, em sintonia com a paz entre as nações e o respeito à natureza e ao meio ambiente.

## ES IMPERATIVO RESISTIR A LA OFENSIVA DEL CAPITALISMO NEOLIBERAL

La clase trabajadora enfrenta, en casi todo el mundo, una ofensiva capitalista probablemente sin precedentes en la historia. Al crecimiento de la tasa de desempleo se añaden las políticas de reducción de salario, disminución y flexibilización de los derechos, el desmantelamiento del llamado Estado de Bienestar Social, privatizaciones indiscriminadas, incluyendo el agua y los servicios públicos.

Mientras que en Europa los países sometidos a los “memorandos” de la troika amargan la recesión y su arsenal de miserias - como el desempleo, recorte de salarios y el desmantelamiento de las políticas públicas - en Brasil un fuerte lobby capitalista, respaldado por el Presidente de la Cámara Federal, Eduardo Cunha, quiere imponer la tercerización generalizada.

En sintonía con este movimiento, se formó en nuestro país a lo largo de este año una fuerte ola conservadora sobre la cual surfea el neofascismo, aludiendo al retroceso neoliberal y amenazando la democracia, la soberanía nacional y los derechos sociales. El crecimiento de la extrema derecha, por cierto, se ha convertido en un fenómeno global.

Es importante resaltar y percibir que el telón de fondo de estos acontecimientos es la crisis global del capitalismo. Una crisis que es al mismo tiempo económica y geopolítica, esta última siendo resultado del agotamiento del orden internacional hegemónico por los EE.UU. y como contrapartida el ascenso de China.

Sabemos que la crisis es la obra del propio capitalismo y del orden imperialista que emana de él, es la explosión de sus contradicciones y excesos, dando también evidencia de los límites históricos de este sistema. Sin embargo, en el afán de maximizar los beneficios, los grandes capitalistas tratan de poner los costos de los problemas económicos sobre la espalda de la clase obrera, lo hacen a través de gobiernos sumisos a los intereses del capital financiero e insensibles a los sufrimientos del pueblo cuyas políticas apuntan al retroceso en las relaciones sociales entre capitalistas y trabajadores en condiciones que prevaletían en los siglos XVIII y XIX en Europa o a principios del siglo XX 20 en Brasil.

Los medios de comunicación capitalistas y los numerosos portavoces del capital financiero pretenden imponer como único el pensamiento dominante de que la crisis impone naturalmente sacrificios a los empleados y que no existen alternativas a la austeridad y al neoliberalismo. Esto no es cierto, esta es la verdad de los banqueros, de los rentistas, de las transnacionales, es una expresión ideológica de los intereses hegemónicos del capitalismo.

La clase trabajadora y sus representantes no pueden estar de acuerdo con esto. Existen alternativas y debemos buscarlas y concretizarlas dentro de la lucha de clases. Es imperativo resistir, conscientizar a la clase trabajadora, combatiendo la despolitización y la falsa conciencia difundidas por los grandes medios de comunicación, y movilizarla para la lucha contra la precariedad y el desempleo, en defensa de la democracia, los derechos sociales, la igualdad de oportunidades y el trabajo debidamente formalizado.

Pero también estoy convencido de que debemos ir más allá, procurando en esta lucha en defensa de los derechos contra la ofensiva capitalista crear las condiciones para una contraofensiva visando la ejecución de proyectos nacionales soberanos fundados en la valoración del trabajo y en la democracia con el fin de abrir el camino rumbo al derrocamiento y la superación del sistema capitalista, que nuevamente deriva hacia el fascismo y la guerra y la construcción de una nueva sociedad, socialista, en la que la dignidad y la valoración de la clase trabajadora se establezcan como objetivos prioritarios del desarrollo económico, en sintonía con la paz entre las naciones y el respeto por la naturaleza y el medio ambiente.



# PRECARIZAR O TRABALHO É ESCRAVIZAR A CLASSE TRABALHADORA

A classe trabalhadora brasileira defronta-se com a ameaça de terceirização generalizada da economia depois que foi aprovada em primeiro turno no Parlamento em 22 de abril o Projeto de Lei (PL) 4330, que permite a terceirização das chamadas atividades-fim das empresas. A proposta escandaliza a consciência jurídica nacional e deixa o movimento sindical em permanente estado de alerta e mobilização. É repudiada pela grande maioria dos sindicatos e centrais sindicais, partidos e parlamentares de esquerda, advogados, juízes, ministros e especialistas da Justiça do Trabalho.

Mas a burguesia não abre mão da sua aprovação e promove um poderoso lobby no Congresso Nacional para impor seus interesses. Conta nesta empreitada reacionária com forte apoio entre os parlamentares e inclusive de falsos representantes dos trabalhadores no movimento

Em geral no Brasil, como em quase todo o mundo, o recurso à terceirização do processo de produção e distribuição avançou com o neoliberalismo e a chamada reestruturação produtiva como parte da ofensiva capitalista para reduzir o custo da força do trabalho, driblar a legislação trabalhista e ampliar os lucros empresariais aumentando o grau de exploração da classe trabalhadora. No setor público a terceirização, que a bem da verdade é uma forma de precarização, também virou uma praga.

## Superexploração

Estudo recente do Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos (Dieese) revela que o assalariado terceirizado ganha, em média, 27% menos que o contratado diretamente pela empresa-mãe, trabalha mais tempo, está sujeito a uma rotatividade maior, não goza dos mesmos benefícios e é discriminado até pelos colegas de trabalho. A degradação do trabalho se reflete de forma dramática na saúde. O trabalhador terceirizado é quem mais sofre acidentes de trabalho e é quem mais recorre à Justiça por ter seus direitos lesados.

A terceirização ocorre quando a força de trabalho do peão é vendida por um intermediário, que lucra com isto, ou seja, arranca-lhe a famosa mais-valia descoberta por Karl Marx. O terceirizado serve a dois patrões, é submetido a uma dupla exploração: produz ao mesmo tempo o lucro da contratante e da contratada. Exacerba-se aí a angústia provocada pela chamada alienação do trabalho, pois o terceirizado é ainda mais estranho e alheio aos desígnios e destinos da empresa onde produz e geralmente não fica por muito tempo.

A Venezuela proibiu a terceirização enquanto no Brasil ela é admitida, mas restrita a atividades-meio, como limpeza e segurança.

## Fim das categorias?

Cinicamente os defensores da terceirização para todas as atividades empresariais dizem que o PL vai proteger o trabalhador contra o mau patrão. O argumento, repetido em uníssono pelo empresariado, não ilude os representantes da classe trabalhadora, que estão convencidos do contrário e contam, neste sentido, com um amplo

e inestimável respaldo da Justiça do Trabalho.

Foi no seio da Justiça de Trabalho que emergiu a consciência mais aguda sobre os riscos embutidos na terceirização generalizada. 19 dos 26 ministros do TST subscreveram um parecer em que condenam o PL 4330 com invulgar energia e apontam, com conhecimento de causa, seus prováveis desdobramentos.

“A diretriz acolhida pelo PL 4330-A/2004, ao permitir a generalização da terceirização para toda a economia e a sociedade, certamente provocará gravíssima lesão de direitos sociais, trabalhistas e previdenciários no País, com a potencialidade de causar a migração massiva de milhões de trabalhadores hoje enquadrados como efetivos das empresas e instituições tomadores de serviços em direção a um novo enquadramento, como trabalhadores terceirizados, deflagrando impressionante redução de valores, direitos e garantias trabalhistas e sociais”, alertam os ministros, cujo documento foi depois apoiado e subscrito por todos os presidentes e corregedores dos 24 TRTs existentes no território nacional.

A generalização da terceirização abre a possibilidade da existência de empresas sem funcionários próprios ou com um quadro reduzido ao extremo do necessário. Neste sentido, conforme os juízes, “o PL esvazia o conceito constitucional e legal de categoria, permitindo transformar a grande maioria de trabalhadores simplesmente em ‘prestadores de serviços’ e não mais ‘bancários’, ‘metalúrgicos’, ‘comerciários’, etc”. Isto pode significar o esvaziamento ou mesmo o desaparecimento dos sindicatos na forma como existem hoje.

## Mídia burguesa

Os grandes meios de comunicação, monopolizados por meia dúzia de famílias burguesas, hostis aos interesses do povo e da nação, silenciaram sobre o parecer dos ministros do TST, refugiando-se em editoriais invariavelmente favoráveis ao patronato, num comportamento que apenas revela o seu caráter de classe e a sua natureza antidemocrática. Mas o fato é que, com isto, parte significativa da opinião pública e das massas trabalhadoras, informadas e mal formadas pela mídia capitalista, hegemônica, fica sem saber o que está se passando a este respeito.

A ofensiva patronal mostra que os interesses do capital e do trabalho são antagônicos e inconciliáveis neste como em muitos outros terrenos. É preciso realizar um grande esforço de comunicação para esclarecer a classe trabalhadora sobre os graves riscos de retrocesso decorrentes do PL 4330; elevar a consciência e ganhar a mente e o coração do nosso povo para a luta contra a precarização das relações sociais que presidem o processo de produção. Este é hoje o nosso maior desafio.

A CTB está em campanha permanente contra o PL 4330 e trabalha pela constituição de uma ampla frente democrática e popular em defesa dos direitos sociais, da democracia e da soberania, contra a terceirização desenfreada e a ofensiva neoliberal.

## PRECARIZAR EL TRABAJO ES ESCLAVIZAR A LA CLASE TRABAJADORA

La clase trabajadora brasileña enfrenta la amenaza de tercerización generalizada de la economía después que fue aprobada en primer turno en el Parlamento el 22 de abril, el Proyecto de Ley (PL) 4330, que permite la tercerización de las llamadas actividades-fim de las empresas. La propuesta escandaliza la conciencia jurídica nacional y deja al movimiento sindical en permanente estado de alerta y movilización. Es repudiada por la gran mayoría de los sindicatos y centrales sindicales, partidos y parlamentares de izquierda, abogados, jueces, ministros y especialistas en Justicia Laboral.

Pero la burguesía no hace a un lado su aprobación y promueve un poderoso lobby en el Congreso Nacional para imponer sus intereses. Cuenta en esta tarea reaccionaria con fuerte apoyo entre los parlamentares, e incluso falsos representantes de los trabajadores en el movimiento sindical.

En general en Brasil, como en casi todo el mundo, el recurso de tercerización del proceso de producción y distribución avanzó con el neoliberalismo y la llamada reestructuración productiva como parte de la ofensiva capitalista para reducir el costo de la fuerza de trabajo, eludir la legislación laboral y ampliar las ganancias empresariales aumentando el grado de explotación de la clase trabajadora. En el sector público la tercerización, que, en verdad es una forma de precarización, también se transformó en una plaga.

## Súper explotación

Estudios recientes del Departamento Intersindical de Estudios Socio-económicos (Dieese) revela que el asalariado terceirizado cobra, un promedio del 27% menos que el contratado directamente por la empresa-madre, trabaja más tiempo, está sujeto a una rotación mayor, no obtiene los mismos beneficios y es discriminado, hasta por los compañeros de trabajo. La degradación del trabajo se refleja de forma dramática en la salud. El trabajador terceirizado es el que más sufre accidentes de trabajo, y es quien más recurre a la Justicia por tener sus derechos vulnerados.

La tercerización ocurre cuando la fuerza de trabajo del peón es vendida por un intermediario, que gana con esto, o sea, le arranca el famoso más-valor descubierto por Karl Marx. El terceirizado sirve a dos patronos, es sometido a una doble explotación: produce al mismo tiempo ganancias al contratante y al contratado. Se exagera así la angustia provocada por la llamada enajenación del trabajo, pues el terceirizado es, además extraño y ajeno a los desígnios y destinos de la empresa donde produce y generalmente no se queda mucho tiempo.

Venezuela prohibió la tercerización mientras en Brasil ella es admitida, pero restringida a actividades-medio, como limpieza y seguridad.

## ¿Fin de las categorías?

Cinicamente los defensores de la tercerización para todas las actividades empresariales dicen que el PL protegerá al trabajador contra el mal patrón. El argumento, repetido al unísono por los empresarios, no ilusiona a los representantes de la clase trabajadora, que están convencidos de lo contrario y cuentan, en este sentido, con un amplio e inestimable respaldo de la Justicia del Trabajo.

Fue en el seno de la Justicia del Trabajo que surgió la conciencia más aguda sobre los riesgos embutidos en la tercerización generalizada. 19 de los 26 ministros del TST suscribieron un parecer en el que condenan el PL 4330 con una energía inusual y apuntan, con conocimiento de causa, sus probables despliegues.

“La directriz del PL 4330-A/2004, al permitir la generalización de la tercerización para toda la economía y la sociedad, seguramente provocará gravísima lesión a los derechos sociales, laborales y previsionales en el País, con la potencialidad de causar la migración masiva de millones de trabajadores, hoy encuadrados como efectivos de las empresas e instituciones tomadores de servicios en dirección a un nuevo encuadre, como trabajadores terceirizados, deflagrando impresionante reducción de valores, derechos y garantías laborales y sociales”, alertan los ministros, cuyo documento fue después apoyado y suscrito por todos los presidentes y magistrados de los 24 TRTs existentes en el territorio nacional.

La generalización de la tercerización abre la posibilidad de la existencia de empresas sin empleados propios o con un equipo reducido al extremo de lo necesario. En este sentido, de acuerdo con los jueces, “el PL vacía el concepto constitucional y legal de categoría, permitiendo transformar a la gran mayoría de trabajadores simplemente en prestadores de servicios y ya no bancarios, ‘metalúrgicos’, ‘comerciarios’, etc”. Esto puede significar el vaciamiento o incluso la desaparición de los sindicatos en la forma como existen hoy.

## Medios burgueses

Los grandes medios de comunicación, monopolizados por media docena de familias burguesas, hostiles a los intereses del pueblo y de la nación, silenciaron sobre el parecer de los ministros del TST, refugiándose en editoriales invariablemente favorables a las patronales, en un comportamiento que apenas revela su carácter de clase y su naturaleza antidemocrática. Pero el hecho es que, con ello, parte significativa de la opinión pública y de las masas trabajadoras, informadas y mal formadas por los medios capitalistas, hegemónicos, queda sin saber qué está sucediendo a este respecto.

La ofensiva patronal muestra que los intereses del capital y del trabajo son antagónicos e inconciliables en este como en muchos otros terrenos. Es necesario realizar un gran esfuerzo de comunicación para aclarar a la clase trabajadora sobre los graves riesgos de retroceso derivados del PL 4330; elevar al conciencia y ganar la mente y el corazón de nuestro pueblo para la lucha contra la precarización de las relaciones sociales que presiden el proceso de producción. Este es hoy nuestro mayor desafío.

CTB está en campaña permanente contra el PL 4330 y trabaja por la constitución de una amplia frente democrática y popular en defensa de los derechos sociales, de la democracia y de la soberanía, contra la tercerización desenfreada y la ofensiva neoliberal.